

DINÂMICAS EM SALA DE AULA: O VALOR DA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES

DIANA KRÜGER MARTINS¹; **NEIVA MARIA FONSECA BOHNS²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – dkmartins90@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bohnsventos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Em minha monografia de conclusão do curso de Artes Visuais, trago como tema o impacto da adoção de dinâmicas em grupo sobre o ensino de artes em turmas de séries iniciais. O presente relato tem o objetivo de apresentar um recorte desta pesquisa, ainda em andamento, explicando como se deu a adoção destes métodos, seu desenrolar e os resultados obtidos até o presente momento.

Sabe-se que o período da infância é voltado para aquisição de novos saberes, vivências, e profundamente marcado pela afetividade e aspectos lúdicos envolvidos no cotidiano. Porém, em sala de aula, a situação por vezes se inverte: o que é novo e instigante acaba por se transformar em mais um elemento monótono marcado pelo senso de tarefa e avaliação. Infelizmente, muitas vezes as aulas de arte acabam por adentrar nesta categoria e ganhar a conotação de obrigação, fazendo com que seu caráter experimental e libertador seja apagado e substituído por uma carga horária a ser preenchida. Desta forma, os alunos cumprem os exercícios propostos pelo educador de modo apático, sem refletir ou se envolver na real experiência do método criativo e do fazer artístico.

Ao deparar-me com o exercício de estágio obrigatório dentro de uma escola da zona periférica de Pelotas, travei meu primeiro contato com a prática de um arte-educador dentro do ambiente escolar. Juntamente com o impacto de vivenciar toda a complexidade comportamental e prática da sala de aula, percebi a necessidade de uma metodologia que realmente trabalhasse a atenção dos alunos, de forma a tornar o tempo em sala de aula o mais proveitoso possível, possibilitando o envolvimento da turma dentro da proposta artística, não como um fazer automático marcado pela avaliação, mas realmente como um desafio criativo e lúdico.

Tendo um histórico pessoal ligado à prática das dinâmicas em grupo propostas pelos educadores da minha antiga escola (tratando de conteúdos religiosos) resolvi testar junto à turma a adoção destas dinâmicas, integrando-as ao conteúdo artístico. Com a sucessão dos encontros tornou-se claro que o caráter colaborativo das atividades ligando conteúdo à prática podia estabelecer um ambiente mais pacífico, envolvendo os alunos de forma mais efetiva, estimulando tanto a capacidade motora quanto cognitiva e unindo criatividade e lógica.

Como embasamento teórico, busquei autores que exploraram as dinâmicas em grupo e seus usos, e também estudiosos da arte-educação que apontam a importância da experiência, da interação e da exploração do lúdico. Os estudos de KURT LEWIN (1995) são fundamentais no que tange ao significado e a implementação da prática de dinâmicas sobre grupos humanos. É importante também apontar a teoria sociointeracionista de VYGOTSKY (1996), segundo a qual o desenvolvimento humano se dá em razão das trocas entre sujeitos, através de processos de interação e mediação. ROSA IAVELBERG (2003) aborda a importância da disciplina de artes, descartando a noção de pausa entre conteúdos tidos como mais importantes, e valorando seu exercício de forma afetiva e prazerosa.

JORGE LARROSA BONDÍA (2002), destaca o papel de experimentar novas vivências durante o cotidiano, e o peso deste ato sobre a educação. Também se faz presente JOHAN HUIZINGA (1938), abordando a relação dos jogos com o desenvolvimento humano, e, o ato de prover os alunos de condições para que eles encontrem por si mesmos a solução dos problemas, ao invés de conduzi-los de forma rígida e predeterminada é apontado por JOHN DEWEY (1934).

2. METODOLOGIA

A ideia para a experimentação de dinâmicas durante o estágio no ensino fundamental veio de vivências pessoais ao longo da adolescência, ao frequentar tanto um grupo de jovens, quanto uma escola luterana. Em ambos os ambientes, os jogos de integração e colaboração eram usados como forma de confraternização e socialização. Ao chegar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Nabuco e deparar-me com uma turma de 28 crianças, de idades entre os nove e os treze anos, com alto grau de dispersão e agitação, tendo que seguir um plano de ensino e um tema central, acabei por me lembrar destas antigas vivências e de como poderia aplicá-las naquela situação, transformando a arte em objeto interativo e a criação em um momento desafiador e prazeroso.

Para o devido embasamento teórico, optei por uma pesquisa qualitativa, além da abordagem exploratória, só possível através da ação em campo e da detecção de necessidades. Sendo assim, planejei as aulas de forma a comportar três seguimentos: a teoria (imagens apresentadas aos alunos, abrindo espaço para apreciação, mediação e diálogo), prática (instigando os alunos a trabalharem juntos e individualmente, sempre tendo imposto um desafio a ser superado), e, o fechamento, que consistia em outro espaço que possibilitasse o diálogo, para que a turma compartilhasse suas experiências e impressões a respeito da atividade e dos resultados. Como exemplos de atividades postas em prática durante os encontros, pode-se citar a dinâmica de tempo, usada na primeira aula (alunos encarregados de desenhar uma composição de objetos, dispondo de um tempo cada vez menor para cada desenho), a dinâmica dos traços (com a turma dividida em grupos, cada qual deles retratando um objeto com seus outros colegas para ao final formar-se um desenho misto de todos) e a das “Torres” (cada grupo com a mesma quantidade de materiais, precisando trabalhar em colaboração para montar a torre mais alta possível), entre outras.

Atualmente, tenho tido a chance de trabalhar com uma turma de primeiro ano em outra escola (E.E.F. Dr. José Brusque Filho), onde posso acompanhar qual o impacto das dinâmicas em uma turma diversa da primeira em muitos aspectos. No entanto, mesmo respeitando a idade dos alunos atuais e procurando aperfeiçoar as propostas a cada encontro, ainda é possível explorar as dinâmicas em grupo, modelando as propostas da forma mais lúdica possível, e trabalhando seus aspectos criativos.



Figura 1. Dinâmica “Torres”. Escola Joaquim Nabuco, 2014. Acervo pessoal.



Figura 2. Dinâmica do desenho de observação cronometrado. E.E.F. Dr. José Brusque Filho, 2016. Acervo pessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tanto em 2014, quanto atualmente, onde estou tendo a chance de mais uma vez abordar esta metodologia com uma turma mais nova tenho obtido resultados favoráveis.

Há dois anos, era evidente a situação de vulnerabilidade emocional em que algumas crianças se encontravam, manifestada através de agitação, indisciplina e animosidade entre os colegas. Ao implementar as dinâmicas e propor aos alunos que trabalhassem em parceria, colaborando uns com os outros, foi evidente a superação de diferenças e a união de capacidades na busca por objetivos em comum que permeavam as propostas. Atitudes agressivas e tentativas de chamar a atenção diminuíram consideravelmente, quando a energia pôde ser canalizada para as propostas ligadas ao conteúdo. Os comentários dos alunos a respeito dos encontros também foram positivos.

Atualmente, com a metodologia sendo posta em prática em uma turma bem mais nova, menor (quinze alunos) e consideravelmente mais unida e mais tranquila que a anterior, pode-se notar a afetividade ligada ao lúdico trazido pelas dinâmicas.

As crianças têm expressado satisfação quanto à chance de aprender ao mesmo tempo em que são convidadas a tomarem parte na experiência de criar.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que embora o trabalho ainda esteja em fase de construção, pode-se considerar que os resultados obtidos em campo foram altamente positivos, pois os alunos apresentaram maior interesse no conteúdo artístico, além de maior senso de cooperação e colaboração entre si.

Diferentes materiais e técnicas, além do conteúdo em si, se combinam às dinâmicas em grupo, tomando forma na oportunidade de integrar os alunos ao fazer artístico, despertando as capacidades cognitivas e motoras, fazendo florescer o senso de cooperação e a experimentação do processo criativo. Como futura educadora, acredito que as dinâmicas em grupo podem ser uma interessante colaboração ao ensino da arte, pois proporcionam aos alunos a chance de interagir entre si, ativando a percepção e a criatividade, enquanto possibilitam ao educador resultados proveitosos quanto ao tempo em sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, J. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Atmed, 2003.

LEWIN, K. **Teoria de campo em Ciência Social.** Rio de Janeiro: Editora Pioneira, 1995.

LEWIN, K. **Problemas de Dinâmica em Grupo.** Rio de Janeiro: Editora Cultrix, 1978.

YGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber experiência. **I Seminário Internacional de Educação de Campinas**, Campinas, SP. p.20-28, 2002.